

Uma poética epifânica da oralidade.

Jerusa Pires Ferreira

In: *Folha de São Paulo*, 16/04/95. Mais!, p. 5.



Paul Zumthor uniu o medievalismo ao estudo da oralidade brasileira

Desde que encontrei o grosso volume dos *Études de Poétique Médiévale* (Paris, Seuil, 1972), percebi que alguma coisa acontecia e que teria a ver com o estudo de nossas literaturas populares/orais. O texto medieval, muitas vezes aprisionado na área da filologia ou da historiografia mais tradicional, apontava aí para uma poética da voz que, em verdade, se insinuava, desde os primeiros trabalhos de Paul Zumthor, permitindo entender fenômenos referentes à emissão e à recepção, fundamentais para o entendimento pleno desses textos. Meu entusiasmo foi tão grande que lhe escrevi, começando um circuito não-interrompido. Em março de 1977, chegávamos juntos a São

Paulo, ele como professor visitante, deu curso e dirigiu seminários de pesquisa na Unicamp. Enfocava os "rhétoriciens", poetas áulicos que, no século 15, desenvolveram um coeso e original exercício poético. Criou-se a oportunidade para uma fecunda discussão sobre o sistema e a margem, o mundo oficial da cultura e o submundo que irrompe nos interstícios. Discutiu-se a festa e ainda, os ritos obscenos, os ditos jocosos, sua recepção cortesã. Pouco tempo depois, publicaria *Le Masque et la Lumière* (Paris, Seuil, 1978), um dos seus mais fascinantes trabalhos, em que liga a aventura de criação desses poetas às razões e princípios de um século. Neles, a descoberta da América e o enraizamento de futuras utopias. Depois dessa primeira visita ao Brasil, passa a se dedicar com insistência às literaturas orais, com a bagagem de um medievalista, mas contando agora com o laboratório vivo de nossa cultura tão fortemente oralizada, com os textos de poetas populares, cuja atuação era possível seguir de perto, com a riqueza e a extensão de nossa literatura de cordel. Veio com sua mulher, a medievalista Marie Louise Ollier, para a Bahia, ávido de visitar o sertão onde nasci, Feira de Santana, a fazenda Paus Altos.

Intensifica então o percurso pela cultura sertaneja, busca o entendimento de criações que se assentam num grande lastro comum, naquilo que denominou "metaconhecimento poético". Devo dizer que *Cavalaria em Cordel* (São Paulo, Ed. Hucitec, 1979) o estimulou a pensar neste universo como um todo, na teatralidade desta cultura que faz da palavra uma "ocupação de rivais", na diversidade de registros do épico ao paródico, encampados pelo "romanceiro" nordestino. Pontuou tudo isto num trabalho (*Revue Critique* 80, Paris, 1980), comentando, com entusiasmo, a tese pioneira de Idelette Muzart Fonseca dos Santos sobre o teatro de Ariano Suassuna e que ele tinha examinado na Sorbonne. Estavam a caminho formulações

básicas para um campo de atuação que, a partir dele, se firmou em dimensão universal: o dos estudos das poéticas da oralidade. A noção de movência do texto oral, a ênfase na transmissão da força energética e teatralizante que assumiu como "performance", no sentido bem definido de texto em presença, a ampliação do próprio conceito de texto e de literatura, foram indispensáveis para se pensar nas literaturas da voz. Apontando para diferentes graus e modos de ser do texto oral, em trabalhos como o bem conhecido *A Permanência da Voz* (Correio Unesco, nº 10, 1985), seria aproximado naturalmente dos chamados oralistas, como Walter Ong, Ruth Finnegan entre outros, de quem tanto se acerca quanto afasta. Inquieto, seria incapaz de permanecer numa única direção, apostando na dinâmica interna do texto e das energias que o movem, e que terminam por fazer dele, como disse, "uma epifania da voz". *Introduction à la Poésie Orale* (Paris, Seuil, 1983), que estamos traduzindo agora, é um livro que provém desta experiência no Brasil, conforme declarou em muitas das entrevistas que deu. Aí se concentra todo um chão de vivências, a experiência vital e humana de um pesquisador que correu mundo, reunindo materiais e, sobretudo, convertendo-se ao "outro", para poder teorizar. Poderíamos até glosar, dizendo-nos diante de uma "semiose" participante. Nada lhe escapa: das línguas distantes e em extinção (aliás um tema obsessivo em sua obra mais recente), cuja voz ainda ressoa, às apresentações de roqueiros hoje. Em julho de 1993, hospedado em nossa casa em Salvador, interessavam-lhe os ruídos do bairro popular, os tambores do Olodum, o disco *Parabolicamará* de Gilberto Gil, que ouvia repetidas vezes, encontrando aí alguns fios para completar sua trama reflexiva sobre a linguagem. *A Letra e a Voz* (Cia das Letras, 1993) traz a confirmação de alguns pontos de vista. Aí se reúnem o pesquisador arrojado, a

erudição espantosa e uma sensibilidade de poeta, os desafios que nos situam em posição de ver, com clareza, aquilo que parecia impossível não ter pensado antes. Quebram-se limites e somos tomados por uma imperiosa necessidade de revisão. Recentemente numa biblioteca dos EUA, entre as 46 chamadas de títulos de sua obra, encontrei um trabalho antigo (Éditions Laffont, 1953), que nos oferece grandes atrativos, sobretudo levando em conta a abertura de quem nos diz que a poesia medieval tem muito mais a ver com a cultura de massas do que com a "literatura". Trata-se de *Victor Hugo, poète de Satan* em que ele aponta as relações do poeta francês com o espiritismo e com as mesas girantes, tratando de aspectos do satanismo e dos ciclos demoníacos, de forma viva e atual. Preocupado também com a memória e sua contraparte, o esquecimento, escreveu alguns textos fundamentais, como aquele que apresentou num seminário original, *Políticas do Esquecimento (Politiques de l'oubli, Paris, Seuil, 1988)*, em que transitando de Lotman a Vernant, assenta suas idéias no eixo tradição/transmissão. Aliás, foi nessa direção que deu a Bernardo Carvalho (Folha, outubro de 89) uma das mais belas entrevistas. Ao tempo em que buscava a diversidade, perseguia uma grande matriz de linguagem e pensamento, espécie de antídoto à dispersão. Trabalhando em várias frentes e voltado para essas questões, não pôde concluir o livro *A Linguagem e Babel* (aliás ainda bem jovem escreveu uma novela, *O Poço de Babel*) que seria o próximo, depois de *La Mesure du Monde* (Paris, Seuil, 1993), um livro alentado em que relacionando tempo/espço/cultura, retoma o alcance mais pleno de sua cogitação, e um certo viés junguiano, recalcado antes por várias razões. Bem jovem, ele tinha sido seu aluno em Genebra. O interessante é que, vivendo sempre nas mais diversas partes do mundo, a Suíça parece ir marcando, cada vez mais, sua

presença. Cogitando sobre as relações entre ciência e magia, atirou-se a uma extensa pesquisa, reunindo materiais para escrever uma biografia de Paracelso, também suíço. Profuso, múltiplo, atuante, creio que sua energia vital e criadora deve permanecer em muitos de nós, que com ele nos relacionamos intensamente. Polígrafo, escreveu mais do que ninguém para falar da voz e de outras linguagens a ela conjugadas, legando-nos uma visada que nos faz passar pelas mediatizações, e alcançar a força do corpo e dos sentidos, afirmação inequívoca e perene do humano.